

DEPOIS DA VITÓRIA DE RONALD REAGAN

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 13.11.1984

Da reeleição de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos é possível tirar uma conclusão otimista: apesar de eleito por maioria esmagadora, sua vitória não significou um cheque em branco para as teses conservadoras que defende. No senado, o Partido Republicano perdeu cadeiras, e na Câmara dos Deputados a perda de 15 assentos ainda deixa o partido Democrata com uma vantagem de 75 deputados. Em síntese, a maioria ideológica conservadora que Reagan almejava não foi conseguida.

Reagan foi reeleito graças ao seu carisma pessoal, a sua simpatia, a sua habilidade oratória, a sua “postura presidencial” e à grande prosperidade da economia norte-americana neste ano de 1984. Foi eleito também porque a onda conservadora que domina os Estados Unidos desde sua primeira eleição ainda continua forte. Foi eleito finalmente porque Mondale não representa nenhuma proposta nova.

Mas o fato de Reagan não ter conseguido a maioria ideológica conservadora, que lhe permitiria loucuras como o projeto da “guerra nas estrelas”, ou lhe facilitaria a invasão da Nicarágua, demonstra que os norte-americanos guardam um mínimo de senso crítico sobre o que está ocorrendo em seu país.

No plano econômico, a atual expansão da economia que, aliás, já entrou em fase de desaceleração está longe de ser uma expansão sólida. Está baseada em uma política de elevadas taxas de juros e de valorização do dólar, que favorece os rentistas, que vivem de juros, mas que tem como custo um déficit comercial e em conta corrente.

Em um primeiro momento, a política de restrição monetária iniciada por Paul Volker no Federal Reserve Bank em 1979 provocou a maior recessão da economia mundial desde 1930, ao mesmo tempo em que o dólar valorizava-se. Graças às reduções de salários

provocadas pela recessão e à valorização do dólar que tornava os preços dos produtos importados mais baratos e obrigava os industriais norte-americanos a baixar também seus preços a inflação nos Estados Unidos baixou de 12 em 1979 para 5% em 1982. Isto permitiu ao Federal Reserve Bank aliviar a contratação monetária a partir de agosto de 1982, possibilitando a expansão subsequente, que facilitou a reeleição de Reagan.

Este, por sua vez, também contribuiu para a retomada do crescimento e a baixa da inflação através de uma política fiscal expansionista, de claro caráter keynesiano. Sua “supply side economics” foi jogada, na prática, às traças. Reduziu impostos e aumentou as despesas militares (em uma proporção muito maior do que reduziu, conservadoramente os gastos sociais), estimulando a demanda efetiva.

Esta política fiscal expansionista parecia contraditória com a política monetária contracionista de Paulo Volker. Em termos de demanda efetiva, de fato as duas políticas são contraditórias. Mas, ao provocar um forte aumento do déficit público e ao exigir o financiamento desse déficit pela emissão de títulos do governo, a política fiscal expansionista teve efeito reforçador da política monetária de elevar a taxa de juros, valorizar o dólar, e, portanto de estimular as transferências de dólares emprestados aos Estados Unidos e de aumentar suas receitas de juros recebidos dos países devedores, inclusive do Brasil.

O preço dessa política foi um enorme déficit comercial, superior as receita com juros e dividendos. Ocorreu, portanto, também um déficit em conta corrente. E é precisamente esse déficit em conta corrente que torna a economia norte-americana desajustada. Para reajustá-la seria necessário baixar os juros e desvalorizar moderadamente o dólar. Entretanto, em um país tão fortemente dominado pelos rentistas como são hoje os Estados Unidos de Ronald Reagan, parece pouco provável que a economia caminhe em breve nessa direção. Enquanto houver confiança no dólar teremos a continuidade dessa política de juros altos e de endividamento externo dos Estados Unidos. O país poderá estar se desindustrializando, transformando-se em uma sociedade de fornecedores de serviços e de rentistas. Mas a economia estará prospera graças aos empréstimos recebidos do exterior. Depois do Brasil agora é a vez dos Estados Unidos se endividarem. A vantagem é que este país se endivida em sua própria moeda.(13/11)